

emancipação

HISTÓRIAS DE VIDA E DEPOIMENTOS PESSOAIS

*Liza Holzmann*¹

RESUMO

O presente trabalho trata de algumas noções sobre histórias de vida e depoimentos pessoais, objetivando uma aproximação conceitual, bem como a discussão destas técnicas, seu processamento, suas vantagens e dificuldades e aplicação na pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE

histórias de vida, depoimentos pessoais, técnica de pesquisa

O atual panorama da pesquisa nas ciências sociais nas últimas décadas, têm se caracterizado por uma busca de novos caminhos. Esta busca tem resultado em uma multiplicidade de procedimentos, técnicas, pressupostos e lógicos de investigação.

A história ou o relato oral está cada vez mais presente nos debates e ressurgue como técnica útil para registrar o que ainda não está cristalizado em documentos escritos, para captar o não explícito.

Segundo, QUEIROZ, História Oral é um termo amplo que recobre uma quantidade de relatos como as histórias de vida, as en-

¹Professora do Curso de Serviço Social da Universidade Estadual de Ponta Grossa e Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Londrina.

trevistas, os depoimentos pessoais, as autobiografias e as biografias. São técnicas que se assemelham porém cada qual possui um peculiaridade tanto de coleta como de finalidade (1987, p. 275).

Nossa finalidade neste trabalho, é traçar algumas noções sobre as histórias de vida e depoimentos pessoais, no sentido de proporcionar uma primeira aproximação com conceitos, pressupostos, utilidade das técnicas, bem como seu processamento, suas vantagens e dificuldades de aplicação.

Quando nos remetemos ao início da história da humanidade, percebemos que é indiscutível que através dos séculos, o relato oral caracteriza-se como a maior fonte de conservação e difusão do saber, pois, parece ter sido a palavra, uma das primeiras técnicas utilizadas, sucedida pelo desenho e escrita.

A legitimidade do relato oral só foi questionadas quando o paradigma positivista e suas vertentes, adquirem hegemonia. Esta concepção de ciência pressupões um conhecimento objetivo e racional do mundo, onde a observação deve ser descomprometida e livre, sistemática e rigorosa dos fenômenos tanto naturais quanto sociais. Não admite portanto, qualquer interferência de valores ou ideologias, portanto qualquer subjetividade do investigador.

...o paradigma de ciência na versão positivista exclui do âmbito da mesma todo conhecimento do senso comum e todo aquele conhecimento que, não sendo redutível à racionalidade matemática, como a história, por exemplo, permite uma margem ponderável de interferência da subjetividade do investigador. (SILVA, 1991, p. 43)

Na verdade, a representatividade das pesquisas qualitativas está na apreensão de um fenômeno em suas múltiplas determinações, na significância que cada caso vai tomando na forma de sua abordagem. Por outro lado as pesquisas quantitativas ressaltam o valor do número, dos cálculos, das ordenações e classificações como condição da produção do conhecimento científico. “Cada forma de abordagem é valiosa por uma lógica que lhe é própria, sendo portanto inútil a comparação entre métodos distintos”. (SILVA, 1991, p.43)

Origem

A técnica de histórias de vida e depoimentos pessoais começou a ser utilizada em sociologia, nos Estados Unidos na década de 30.

Segundo KOSMINSKI, no Brasil é a partir da década de 50 que se iniciam as reflexões sobre o emprego das técnicas e merecem destaque Roger Bastide, Renato Jardim Moreira, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Florestan Fernandes e Ecléa Bosi.

A origem da técnica de história de vida encontra-se na psicologia. Na concepção de alguns autores, a preocupação está em transformar a história de vida num método sociológico, deixando de ser um método da psicologia social. A técnica segundo BASTIDE, apresenta a seguinte dificuldade “permanecer muito presa às suas origens psicológicas, preocupando-se antes com o desenvolvimento da personalidade na sua relação com o meio social ou cultural do que com os fatos sociais propriamente ditos”.(apud KOSMINSKY, 1986, p.30)

Esta preocupação é constatada por Maria Isaura Pereira de Queiroz que tenta solucionar esta dificuldade quando utiliza ao mesmo tempo a comparação de várias histórias de vida, “ a fim de apreender o comum do individual, o geral do particular, através de uma técnica que deixa maior liberdade à pessoa interrogada (BASTIDE apud KOSMINSKY, 1986, p. 31)

Definições

Para Maria Isaura história oral “é termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar”. (QUEIROZ, 1987, p. 272)

Dentro deste quadro amplo da história oral destacaremos a história oral e os depoimentos pessoais.

História de vida se define como “o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que ele considera significativos, através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar”. (QUEIROZ, 1987, p. 275)

Já os depoimentos pessoais para H. Blumer se constituem em “um relato da experiência individual que revele as ações do indivíduo como agente humano e como participante da vida social”. (BLUMER apud KOSMINSKY, p. 32)

Os depoimentos pessoais concentram-se sobre um lapso de tempo reduzido permitindo o aprofundar detalhes a respeito deste espaço preciso. Ainda, por serem mais breves permitem multiplicar o número de informantes permitindo comparações, a fim de destacar convergências e divergências.

Um aspecto fundamental a ser considerado é que a história de vida é uma técnica cuja aplicação demanda longo tempo, tanto no que se refere às entrevistas que podem não se encerrar em um ou dois encontros, mas também deve ser considerado o tempo de transcrição.

Para Maria Isaura Pereira Queiroz, a grande diferença entre história de vida e depoimento pessoal, reside na forma específica de agir do pesquisador. Ao colher um depoimento o pesquisador conduz a entrevista, para da “vida” de seu informante apreender os acontecimentos que se relacionam diretamente com seu trabalho. Se o narrador se afastar com digressões o pesquisador corta-as para trazê-lo de novo ao assunto. O desnecessário e supérfluo são desconsiderados.

Já na história de vida o pesquisador deve conservar-se o mais silencioso possível, não significando ausência, porém suas interferências devem ser mínimas. Quem detém a condução da entrevista é o narrador, pois, é ele quem decide o que é relevante narrar. “Nada do que relata é supérfluo, pois tudo se encadeia para compor e explicar sua existência”. (QUEIROZ, 1987, p. 276)

É importante clarear que, embora na história de vida quem conduz o relato é o narrador, o comando é do pesquisador apesar de sua “não intervenção”, pois, quem escolheu o tema da pesquisa, quem formulou as questões, quem propôs os problemas foi ele.

Características das histórias de vida e depoimentos pessoais

A história de vida é uma técnica que necessita a complementação de outras fontes. Queiroz coloca que a utilização de várias fontes é específico das ciências sociais principalmente quando se quer abarcar de forma ampla a realidade a ser estudada. Mesmo os maiores entusiastas da história de vida, reconhecem que a utilização única da técnica, resulta em trabalhos limitados, uma vez que “nem a escrita do pesquisador, nem o gravador registram o local onde se passa o colóquio, ou o local onde o informante habita, amputando o material de uma preciosa messe que pode encerrar detalhes primordiais”. (QUEIROZ, 1987, p. 278)

A maior dificuldade da coleta de uma história de vida é a duração longa . Primeiramente porque as entrevistas não devem ultrapassar um certo tempo para não se tornarem cansativas, gerando com isso vários encontros com um mesmo informante. Este tempo prolongado é acrescido pelas transcrições, que também demandam um longo lapso de tempo. Sendo assim, torna-se difícil colher muitas histórias de vida, o que pode ser prejudicial para o fornecimento de base empírica suficiente para se chegar a um grau de certeza, a não ser que a pesquisa se prolongue por vários anos. Alguns autores, sugerem que o meio de se fugir deste obstáculo está em juntar a história de vida outros procedimentos. Mesmo quando utilizamos os depoimentos pessoais, cuja obtenção de dados é mais breve, estas dificuldades aparecem por serem inerentes à própria natureza das técnicas.

A necessidade de acrescentar outras fontes às histórias de vida, não invalida a possibilidade de utilização de apenas uma única para o conhecimento de problemas de uma coletividade. QUEIROZ alerta:

Uma única história de vida desacompanhada de captações complementares de material, desde que convenientemente analisada, pode ser da maior importância para a definição de problema de uma coletividade, principalmente se o pesquisador não conhece bem a esta; e, caso já possua uma visão da mesma e dados em quantidade apreciável, serve ela para um refinamento das observações e das interferências, assim como para controle (1987, p. 279)

As histórias de vida e os depoimentos pessoais são excelentes técnicas para construção de um primeiro levantamento, uma vez que revelam o cotidiano, o tipo de relacionamento entre os indivíduos, as opiniões, os valores.

Num primeiro momento poderíamos nos referir às histórias de vida e aos depoimentos pessoais como técnicas que captam o que eminentemente individual impregnadas pela subjetividade do narrador, porém é sabido que o “indivíduo” não obedece a determinações exclusivamente suas.

No entanto, o que existe de individual e único numa pessoa excedido, em todos os seus aspectos, por uma infinidade de influências que nela se cruzam e às quais não pode por nenhum meio escapar, de ações que sobre ela se exercem e que lhe são inteiramente exteriores. Tudo isto constitui o meio em que vive e pelo qual é moldada; finalmente sua personalidade, aparentemente peculiar, é o resultado da interação entre suas especificidades, todo o seu ambiente, todas suas coletividades em que se insere. (QUEIROZ, 1987, p. 283)

Assim QUEIROZ fundamenta sua colocação que “a história de vida é portanto, técnica que capta o que sucede na encruzilhada da vida individual com o social”. E diz que é o desenvolvimento da pesquisa realizada por um psicólogo ou por um sociólogo que ao coletar os dados acentuará uma ou outra orientação, buscando no informante as marcas de seu grupo, de sua camada social ou buscando particularidades que singularizam o indivíduo.

A utilização da técnica da história de vida e dos depoimentos pessoais

A formulação do problema a ser investigado constitui-se como em toda a pesquisa o primeiro passo, ou seja, a formulação prévia do problema é fundamental pois ela orientará as diferentes fases do trabalho como o preparo do pesquisador, a escolha do informante, entrevistas e análise de dados.

1. Escolha do informante

São vários os critérios recomendados para a seleção dos sujeitos, cujas experiências queremos investigar.

Primeiramente devemos nos guiar pelos objetivos da pesquisa que devem estar o mais claro possível, estes nos mostrarão o primeiro passo em direção a que tipo de pessoa entrevistar.

A escolha dos informantes não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência, o que requer antes de tudo conhecimento prévio do objeto do estudo.

Para Florestan Fernandes, o critério mais rudimentar se baseia na combinação da história de vida com o inquérito (ou survey) sociológico. Critérios mais rigorosos se associam a combinação da técnica da história de vida ao uso da entrevista, do questionário ou formulário (FERNANDES apud KOSMINSKY, 1986, p. 34).

A associação de técnicas principalmente da realização de entrevistas com o grande número de pessoas permite a seleção dos sujeitos significantes, a partir de requisitos comuns. Uma dificuldade apontada, refere-se ao aumento do custo da pesquisa, devido ao prolongamento do período de coleta de dados.

O uso de formulários e questionários, também permite a seleção de sujeitos para a história de vida. Através destas técnicas associadas é possível selecionar pessoas cujas atitudes expressas revelem maior significado para os propósitos da pesquisa, como indica FERNANDES (apud KOSMINSKY, 1986, p. 3) .

A vantagem desta combinação estaria na confiança mútua, tanto por parte do sujeito que teria mais facilidade em fazer confidências como também por parte do pesquisador que agiria com maior segurança na formulação de questões.

O que percebemos é que a combinação de várias técnicas pode encarecer a pesquisa ou prolongar o seu tempo de realização, porém, a seleção dos sujeitos significantes é mais vantajosa.

2. Qualidades do Entrevistador

O êxito da técnica depende fundamentalmente da habilidade do entrevistador, que deve ser alguém que possa sentar calmamente e escutar, que esteja disposto a deixar o narrador expressar-se livremente, que seja perspicaz na condução da entrevista não tendo receio de interromper em determinados momentos com perguntas ou comentários (breves). Não é suficiente apenas o conhecimento intelectual do pesquisador, é necessário também conhecimento emocional (o qual só se adquire na realização das entrevistas).

3. A Técnica da Coleta

3.1 O primeiro contato

Após a escolha criteriosa dos sujeitos, antes da realização da entrevista propriamente dita, o pesquisador deverá estabelecer um primeiro contato com o futuro entrevistado a fim de explicar-lhe os objetivos do projeto a marcar a entrevista.

Durante o convite, o entrevistado poderá receber um roteiro sobre o assunto, bem como quais os objetivos da entrevista. O que não podemos esquecer é que, o valioso nas histórias de vida e depoimentos pessoais, é conseguir novos elementos, não o que já está escrito e documentado. Sendo assim, não devemos nunca, entregar um questionário para o entrevistado, pois ele poderá recorrer a bibliografias a fim de preparar-se para entrevista, perdendo assim toda espontaneidade e ineditismo.

É fundamental que cada depoimento seja acompanhado de uma ficha de informante, na qual devem constar seus dados pessoais como: idade, sexo, estado civil, entre outros, que o pesquisador achar relevante no sentido de registrar a situação atual do informante.

Outro instrumento imprescindível de coleta é o diário de campo, onde serão feitas anotações diárias contendo registro das condições em que foi realizada a entrevista. Este registro é muito importante uma vez que permite o acúmulo de dados para que se reflita sobre a

técnica utilizada.

Mesmo que a história de vida seja uma técnica que pressupõe liberdade ao narrador é necessário que o pesquisador elabore um roteiro de temas que pretende abordar. Obviamente este roteiro deve ser flexível e permitir a incorporação de temas que podem ocorrer durante a própria entrevista.

3.2. Condições para a realização da entrevista

A decisão da data, horário e local de realização da entrevista depende fundamentalmente do entrevistado. Um local onde possa sentir-se perfeitamente à vontade. Obviamente algumas condições devem ser observadas como local silencioso e sem interferências internas ou externas.

É muito importante que o entrevistador antes de realizar a entrevista, tenha conhecimento prévio a respeito do entrevistado. O entrevistador deverá conhecer o máximo possível sobre seu informante, sua obra, sua experiência, a fim de possuir informações necessárias para em alguns momentos, se necessários, reavivar a memória de seu informante.

A entrevista deve ser conduzida com objetividade e integridade e sempre de acordo com o estabelecido.

Oracy Nogueira, quando se refere ao desenvolvimento da entrevista, cita alguns conselhos interessantes À serem analisado:

1. Obter e manter a confiança do entrevistado
2. Procurar situações favoráveis para a entrevista, evitando ocasiões inoportunas para o entrevistado, que o obriguem a interromper outras atividades de seu interesse, ou ocasiões que este esteja irritado, fatigado ou impaciente.
3. Pôr o entrevistado à vontade, preservando-lhe e facilitando-lhe a espontaneidade.
4. Dispor-se a ouvir mais do que a falar, pois o que interessa é o que o informante vai dizer.

5. Dar tempo bastante a que o entrevistado discorra satisfatoriamente sobre o assunto, pois se o tempo concedido for demasiadamente curto, poderá acontecer que as evocações mais interessantes ocorram depois, quando o entrevistador já estiver ausente.

6. Manter o controle da entrevista, sem se mostrar impertinente, mas reconduzindo sempre, com tato, o entrevistado ao objetivo da entrevista

7. Não fazer perguntas diretas enquanto não julgar o entrevistado pronto para dar a informação desejada e disposto a fazê-lo cuidadosamente.

8. Deixar o entrevistado falar e depois ajudá-lo, com perguntas a respeito de detalhes, a completar o que disse.

9. Apresentar primeiro as perguntas que tenham menos possibilidade de provocar ou produzir qualquer forma de negativismo.

10. Fazer apenas uma pergunta de cada vez, a fim de não confundir o entrevistado.

11. Evitar perguntas que impliquem ou sugiram a própria resposta.

12. Dar ao entrevistado oportunidade para responder ou delimitar suas próprias declarações ou respostas.

13. Conferir as respostas, sempre que possível, transformando, por exemplo, as percentagens dadas pelo entrevistado nos números a que correspondam para que ele próprio indique se era essa a proporção que tinha em mente.

14. Manter-se alerta em relação aos erros constantes.

15. Registrar os dados imediatamente ou na primeira oportunidade que se apresentar.

16. Ao encerrar a entrevista, ficar alerta para informações adicionais que o entrevistado estava inclinado a oferecer mas não apresentou durante a entrevista quer por considerá-las sem importância, quer por considerá-las demasiadamente triviais. (NOGUEIRA, 1968, p. 117)

O importante é que se estabeleça um clima de confiança mútua, de informalidade, espontaneidade e liberdade.

A Transcrição

O requisito principal da transcrição é a fidelidade à fita.

A transcrição é a etapa mais penosa de toda história oral, pois exige várias fases que demandam muitas horas de trabalho.

O ideal é que cada entrevistador faça a transcrição das entrevistas, no entanto isto é impossível dependendo do número das mesmas, muitas vezes, é necessário um transcritor, que deve ser uma pessoa de inteira confiança, pois os conteúdos das entrevistas devem ser sigilosos. Segundo CORRÊA o transcritor deve possuir quatro qualidades: paciência, boa audição, cultura média e pontuação (1978, p. 60).

Ainda segundo CORRÊA a transcrição da entrevista de história oral, exige várias fases de trabalho que são: a primeira versão a passagem literal de todas as palavras para o papel. Nesta versão o transcritor não precisa se preocupar com pontuação ou ortografia, mas em simplesmente transferir o conteúdo da fita magnética para o papel. A segunda versão é destinada à limpeza do texto.² Esta versão deve ser revisada³ pelo entrevistador e pelo entrevistado e logo após faz-se a versão final que deverá conter assinatura e rubricas do entrevistado. CORRÊA sugere “que todo o texto transcrito de entrevista de história oral deve possuir um resumo e um índice onomástico e de assunto. Este segundo documento acompanha o texto, no seu final, enquanto que o primeiro pode ser fixado e publicado à parte (1978, p. 61).

Existe a possibilidade das entrevistas serem consultadas, portanto existe a necessidade de arquivamento.⁴

Em função da fragilidade da legislação dos Direitos Autorais, CORRÊA, sugere a elaboração de “Termos de Doação”⁵ que possuem validade jurídica, onde o entrevistado fará a doação completa, sem

² Detalhes sobre a limpeza do texto, podem ser encontrados em Carlos Humberto P. Corrêa, 1978, p. 61-64.

³ A revisão pelo entrevistado, pode ser encontrado em Carlos Humberto P. Corrêa, 1978, p. 64-65.

⁴ Detalhamento sobre arquivamento e condições de consulta são encontrados em Humberto P. Corrêa, 1978, p. 67-71.

⁵ Para maiores informações sobre Direitos Autorais e modelos de Termos de Doação, sugerimos a consulta de Humberto P. Corrêa, p. 71-77.

restrição; parcial com algumas restrições ou ainda o selamento total da entrevista por determinado tempo.

Além do aspecto legal devemos considerar o compromisso implícito, que se estabelece entre entrevistador e entrevistado, o que é muito mais importante que o documento, e o seu não cumprimento levará o pesquisador ao descrédito.

A análise

QUEIROZ, propõe a realização de duas técnicas de análise:

- Recuperação das entrevistas, que se dá a partir da digitação ou datilografia dos textos gravados, Esta fase constitui-se numa retomada de contato com os dados em maior profundidade e uma primeira identificação de temas que forem aflorando.

- Análise das entrevistas, com vistas ao encaminhamento da síntese “a recomposição da totalidade” (apud KOSMINSKY, 1986, p. 36)

Uma das técnicas mais utilizadas para a análise das entrevistas, é a análise de conteúdo, que permite uma descrição objetiva e sistemática na busca dos significados manifestos e latentes colhidos nas entrevistas.

Considerações finais

A opção pela história oral permite-nos resgatar a história coletiva, a história social, através dos depoimentos colhidos de sujeitos significantes que revelam dados que falam além e através de suas experiências subjetivas.

É como diz SILVA: “através da recomposição articulada das individualidades existente no espaço social, é que o indivíduo na sua singularidade e generacidade deve procurar a sua síntese histórica. Ao

conhecê-los, temos acesso à natureza e à sociedade, ao que ele revela de singular e de universal, na específica forma pela qual cada subjetividade vive sua universidade” (1991, p. 58).

Concordamos ainda com SILVA, quando diz que é variável a partir da história oral captarmos a expressão da singularidade dos indivíduos e das suas relações sociais mais gerais que estão postas em determinados conjuntos históricos.

Sem dúvida, as histórias de vida e depoimentos pessoais são técnicas que exigem rigor e destreza por parte do pesquisador. Demandam um longo lapso de tempo e indicam o cumprimento de medidas éticas e legais. Muitas vezes dependendo dos propósitos da pesquisa, exige a formação de equipe de pesquisadores e transcritores com habilidades pessoais e técnicas. Porém, o mais relevante é seu sentido de “depreender o comum do individual, o geral do particular” (QUEIROZ apud KOSMINSKI, 1986, p.31).

KOSMINSKI ressalta que, a história de vida e os depoimentos pessoais podem conservar uma aparência individualizante e psicologizante, porém, é possível a mediação entre os sujeitos e a estrutura e o processo social através da categoria, classe social ou grupos (como por exemplo, os grupos étnicos) (1986, p. 36).

O uso da história de vida ambiciona a construção de uma “síntese do social”, nesse sentido, torna-se necessário ao pesquisador valer-se de um quadro teórico que proporcione a compreensão dos aspectos coletivos e sociais, evitando a fragilidade, incorrendo na simples somatória de vidas ou destinos individuais.

Sendo assim, consideramos a história de vida instrumento válido e privilegiado, pois favorece a possibilidade de reconstrução da história social através de fontes não explícitas.

Finalmente, gostaríamos de deixar algumas palavras para reflexão:

O homem é o universal singular. Pela sua práxis sintética, singulariza nos seus actos a universalidade de uma estrutura social. Pela sua actividade destotalizadora/retotalizadora, individualiza a generalidade de uma história coletiva... Se nós somos, se todo o indivíduo é a reapropriação de um universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual (FERRAROTI apud FONSECA, 1997, p. 21).

ABSTRACT

This study treats some notions about life stories and personal testimonies, aiming a conceptual approach, as well a discussion about these techniques, their processing, advantages and application difficulties in the research.

KEY WORDS

life stories, personal testimonies, research technique

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Carlos Humberto P. *História oral: teoria e técnica*. Florianópolis: UFSC, 1978.

FONSECA, Selva G. *Ser professor no Brasil: história oral de vida*. Campinas: Papirus, 1997.

KOSMINSKY, Ethel. Pesquisas qualitativas: a utilização da técnica de histórias de vida e de depoimentos pessoais em sociologia in *Ciência e Cultura*. São Paulo: n.1, v.38, jan., 1986.

NOGUEIRA, Oracy. *Pesquisa social: introdução às suas técnicas*. São Paulo: Nacional, 1968.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Relatos orais: do "indivisível" ao "divisível", in *Ciência e cultura*. São Paulo: n. 3, v. 39, mar., 1987.

SILVA, Lídia Maria Monteiro Rodrigues. *Aproximação do Serviço Social à tradição marxista: caminhos e descaminhos*. São Paulo: tese de doutorado em Serviço Social, PUC/SP, 1991.